

JESUÍNO BRILHANTE: O CANGACEIRO JUSTICEIRO POTIGUAR

Autor (Francisco Janildo Sobrinho); Coautor (Régis Flávio Varela de Oliveira)

Universidad Autónoma del Assunción – UAA

dlezcano.alu@uaa.edu.py

RESUMO

O presente artigo aborda uma descrição baseada em fatos, depoimentos, resultados de visitas para verificação in loco dos relatos aqui abordados sobre a trajetória de vida do cangaceiro nordestino Jesuíno Brilhante. Busca focar a história que trata da caracterização do cangaço na região nordeste, das condições de vida desse povo, apresenta análises comparativas dessas mesmas condições, que expresse “o sofrimento” desse povo até hoje. Mostra este documentário a história de Jesuíno Brilhante, destacando assim outro bando como “Lampião”, Virgulino Ferreira, e vem questionar os conceitos e ideias deixadas às gerações que sucederam a estes. Trata entre outros fatos dos modos de vida dos bandidos, aponta os atos e cenas com requintes de crueldade, outrossim, em alguns momentos justificáveis (não aceitáveis), pois, eram praticados em prol da justiça social. No entanto, por ações reconhecidamente sociais, descreve-se hoje e designa-se aos mesmos o título de “Bandidos Sociais”. Doravante, baseado nos conhecimentos advindos das leituras livrescas, e de autores como ALENCAR, BARROSO, COSTA e NONATO, além das pesquisas realizadas na cidade onde nasceu Jesuíno Brilhante, com populares que tiveram acesso aos relatos a respeito do cangaceiro através dos seus antepassados. Partindo dessas informações poder escrever com precisão acerca dos seus feitos, objetivando deixar para outras gerações dados a respeito da façanha desse grupo. Fazendo história na sociedade Potiguar, marcando para todo sempre, com seu estilo próprio e o seu jeito de ser e agir em prol da justiça social; deixa-se registrada nos legados verbais da escrita, a história de vida do mais famoso e mítico bandido do estado do Rio Grande do Norte, Jesuíno Brilhante.

Palavras-chaves: Cangaço, Justiça social, Jesuíno Brilhante.

ABSTRACT

This article discusses a narrative based on historical facts about bandit Jesuíno Brilhante, a northeastern Brazilian “cangaceiro”. This study, focus in the story that deals with the characterization of bandits of “Cangaço” in the northeast, the living conditions of these people, with comparative analysis of these same conditions. In documentary shows the story of Jesuíno Brilhante, highlighting another band as “Lampião”, Virgulino Ferreira, questioning the concepts and ideas left to the generations that succeeded them. It deals with the lifestyle of bandits, pointing out acts and scenes with cruelty, in some justifiable moments (not acceptable), therefore practiced in favor of social justice. However, recognized by social actions, describes to them the title of “Social Bandits”. Henceforth, based on knowledge derived from readings of ALENCAR, BARROSO, COSTA and NONATO, this way, eliciting information about the achievement of this group, which made history in our society, showing with his own style and his way of being acting on behalf of social justice, is left to the recorded verbal legacy of writing, the life story of the most famous and legendary bandit of Rio Grande do Norte state, Jesuíno Brilhante.

Keywords: Cangaço, Social Justice, Jesuíno Brilhante.

INTRODUÇÃO

A partir da metade do Século XIX, na dura realidade do Sertão Nordestino, onde predominavam a imensa miséria e a injustiça Social, criou-se uma manifestação caracterizada pelo banditismo, com a denominação de Cangaço. Sendo assim este trabalho tem como objetivo relatar acerca da história do único cangaceiro do estado do Rio Grande do Norte, Jesuino Brilhante, onde se podem observar as suas ações e feitos sociais com os mais humildes e carentes da região.

O cangaço já era conhecido desde 1834 e se referia a certos indivíduos que andavam armados, com chapéus de couro, carabinas e longos punhais entrançados que batiam na coxa. Levavam as carabinas passadas pelos ombros, tal como um boi no jugo, na canga. Daí decorreu a designação de cangaço e dela derivou-se o vocábulo Cangaceiro, para identificar aquele bandido do Sertão Nordestino, que andava sempre fortemente armado.

Em decorrência da importância de conhecer acerca da história do cangaço no Rio Grande do Norte, aguçou a curiosidade de pesquisar acerca da temática em relação às ações sociais dentro de um contexto histórico local, contribuindo com o desenvolvimento do conhecimento do cangaço potiguar para futuras gerações.

O “banditismo social”, como alguns historiadores e pesquisadores preferem se referir ao Cangaço, nasceu a partir de fatos de natureza econômica e de ordem social. Surgia assim a figura do jagunço, cabra bandoleiro ou cangaceiro, que era inadaptado a civilização típica do Litoral do País. Eles se agrupavam ao aceno de um companheiro mais temível.

As causas do surgimento do cangaço foram de natureza variada. A pobreza, a falta de esperanças e a revolta não foram as únicas. Isso é mais que certo. Mas, foram estas circunstâncias as mais importantes para que começassem a surgir os cangaceiros. Muitos, como dissemos, eram pequenos proprietários, mas mesmo assim tinham que se sujeitar aos coronéis. Do meio do povo sertanejo rude e maltratado surgiram os cangaceiros mais convictos que lutavam pela sobrevivência.

A história do cangaço foi, e ainda está sendo traçada, por inúmeros e incomensuráveis fatos. Fatos estes às vezes fantasiosos acerca desta extraordinária saga cangaceira, que assolou a sofrida vida catingueira.

Em meados do século XIX, o sertão nordestino passara por longo período de crise em decorrência do declínio da produção algodoeira e da exportação do açúcar. Com o fim da guerra de secessão as relações entre os Estado Unidos e a Inglaterra foram restabelecidas. Consequência disso foi a queda drástica das exportações do

algodão brasileiro, levando uma profunda crise ao sertão nordestino agravando-se ainda mais nos períodos de longas secas, como as de 1877-1879, 1888-1889, 1891-1898, 1900-1907, 1915-1919, 1932..., que reduziam ainda mais suas atividades econômicas. (ALENCAR et al, 1998, p. 189).

Observando Alencar, diante dessas circunstâncias, as relações de poder exercidas pelos proprietários de terra – “os Coronéis” – sobre a população pobre do sertão nordestino ficavam abaladas. Os Coronéis, que eram verdadeiros latifundiários, garantiam alguns tipos de prestação de serviço ao homem sertanejo da época.

Essas pessoas dependiam dos coronéis para quase tudo, pois, a maioria da população rural era de colonos, meeiros e posseiros, sem terras e sem leis que assegurassem a sua proteção. Sempre mal remunerados, obrigados ao trabalho semiescravo nas terras dos latifundiários iletrados, vivendo em estado de miserabilidade.

Observando o campo político, a constituição liberal e democrática de 24 de fevereiro de 1891, em termos de democracia, deixou muito a desejar, pois os Coronéis continuavam a ditar as leis, as regras e as cabeças dos pobres sertanejos, nas suas áreas de domínio.

Vários foram os motivos que levaram os homens do sertão á vida cangaceira e do banditismo. As grandes intrigas entre famílias, os desmandos dos coronéis, principalmente, em períodos de grandes secas e, o mais relevante de todos: o ódio imortal que sentiam.

Nunca uma volante mesmo aquela que conseguiam nome e fama, conseguiam resolutas e destemerosas, apenas altruísta de bem servir a coletividade sertaneja, alguns dos volantes não caçavam bandidos pensando em acabar com os males que traziam, mas apenas com a finalidade de saquear-lhes os pertences que ganharam em celebridades e divisas [...] (COSTA, 1996, p. 191-192.)

Analisando Costa percebemos que os cangaceiros tinham uma vida dantesca, daí surgiram vários grupos famosos na história nordestina: Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Lampião.

Porém, este estudo detém-se com mais detalhes acerca da primeira estrela do cangaceirismo potiguar, que foi Jesuíno Alves de Melo Calado, Jesuíno Brilhante.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é cunho bibliográfico, onde se fez uma relação de autores que possibilitou o conhecimento acerca do assunto pesquisado; além da pesquisa de campo, a qual contribuiu com a ressignificação das informações e fatos conhecidos pela população da região pesquisada.

RESULTADOS

Jesuíno Brilhante era filho de João Alves de Melo Calado e Alexandrina Maria do Amor Divino. Nasceu em 02 de março de 1844 no Sítio Tuiuiú, a sete quilômetros da então povoação do Patu – que era vila em 1890 e que passou a ser cidade em 1936, no Rio Grande do Norte –, e morreu no Riacho dos Porcos, município do Brejo do Cruz, na Paraíba, em dezembro de 1879, no lugar denominado Santo Antônio.

O pai de Jesuíno, João Alves era filho do Bacharel Feitosa Bezerra de Menezes e de uma moça da família Alencar, nascida em Pombal, na Paraíba, no ano de 1824. O pai já tomara parte nas jaquérias sertanejas e fora um dos valentes da revolução de 1831, no Ceará.

Em 1837, seu tio José Brilhante, aos 13 anos, comete o primeiro crime por causa de uma discussão com um rapaz que teria zombado dele em relação à sua família, e fugiu para o Inhamuns, no sertão cearense, onde casou com uma prima. O assassinado era pobre e desprotegido, e vieram as influências políticas com o pretexto de que o matador era menor, não se fez processo.

Jesuíno Brilhante tinha três irmãos: Joaquim Alves de Melo Calado, Lucas Alves de Melo Calado e João Alves de Melo Calado. Era casado com Dona Maria e tinha cinco filhos: Filomena, Alexandrina, Maria, Joana e João.

Jesuino Alves de Melo Calado foi o cangaceiro-gentil-homem, o boiadeiro romântico, espécie de matuto, de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos velhos oprimidos, das moças ultrajadas e das crianças agredidas.

O autor Raimundo Nonato (1998, p. 86) repassa que Jesuíno tinha cinco filhos que seriam: Filomena, Alexandrina, Maria, Joana e João. Entretanto, já GREGÓRIO (1976, p. 19) em seu livro diz que Jesuíno e sua mulher Carolina tiveram quatro filhos com nomes de: Filomena, Alexandrina, Francisca e João. “Sua fama ainda resiste, indelével, num clima de simpatia irresistível. Certas

injustiças acontecem porque Jesuíno não existe mais”, afirma uma das entrevistadas no livro de NONATO (1998, p. 86).

Uma justificativa do prestígio natural do cangaceiro para os sertanejos seria o horror ao ladrão. Não roubava e o seu bando era rigorosamente vigiado para respeitar o divino mandamento. Recebia o que lhe davam e, às vezes, pedia. Era auxiliado pela multidão dos admiradores, nada lhe faltando, possuindo inclusive recursos de lavoura e gado.

DISCUSSÃO

Jesuíno levava vida de nômade, porém, constituiu família e tinha residência e esconderijos como a Casa de Pedra, com três fendas largas encravada na rocha como se fossem três quartos, e uma espécie de parapeito por toda largura do portão. Era lá onde se entrincheirava, deitando-se por trás do balcão de pedra para trocar tiros contra a polícia do imperador, e tantos outros que ousassem lhes desafiar.

Jesuíno, também conhecido por realizar casamentos de “afilhadas” (como chamava as donzelas defloradas), era amigo das viúvas e dos pobres: roubava os víveres que o Imperador do Brasil mandava para doá-los aos famintos. Esta intentona ficou conhecida como Revolução do Quebra-Queixo.

Jesuíno levava a família, mulher e filhos, para as fazendas dos amigos sempre que a perseguição recrudescia.

O bando de Jesuíno era formado por onze homens corajosos e desafiadores, sempre demonstrando uma forma de defesa que se tornava sempre em seu favor, e assim sendo um vencedor. Mas, como no submundo do crime não existe vencedor, tudo e todos são vencidos Jesuíno Brilhante morreu agonizando ao lado dos fieis que ainda o seguiam.

Jesuíno foi criado num ambiente muito tradicional, onde ódio e vingança não têm fim. Ouvindo desde pequeno os históricos do tio valentão (José Brilhante) que dava ordens para todos os vilões. No meio em que vivia nada poderia entrar o seu desenvolvimento. Era lançar-se no abismo e rolar por ele. Jesuíno logo casou e veio morar perto da mansão paterna. Além de uma várzea, vermelhejavam entre o arvoredado, as casas de Joaquim Monteiro, cunhado do velho João Alves, e de Francisco Brasil que, por influência dos Calados, fora nomeado inspetor de quartirão.

Nesse ponto, Gustavo Barroso traça caminhos exatos à situação dos grupos armados que infestavam os sertões nordestinos, em épocas mais distantes. Não é possível estabelecer comparação entre Jesuíno Brilhante, o cangaceiro honrado e os outros dois grandes chefes de bandoleiros, que foram Antônio Silvino, com certos procedimentos humanos que lhe franquearam boas amizades, e Virgulino Ferreira, Lampião, a exploração da coragem dirigida para o mal. O fato tem confirmação nos assaltos que o Brilhante fazia aos comboios que conduziam os gêneros que o Imperador mandava para os flagelados das secas. Com ações dessa natureza, que se repetiam quando menos eram esperados, Jesuíno Brilhante tomava as mercadorias e ia fazendo a distribuição, dando-as aos que julgava mais carecidos. O ato era, realmente, atentatório à segurança da propriedade da coisa, mas, o propósito do assaltante era humano.' (BARROSO, 1917, p. 134).

Atento a Barroso, observamos o desfecho final de Jesuíno Brilhante. Nas proximidades do Sítio Santo Antônio, entre Campo Grande e Brejo do Cruz, no sertão da Paraíba, pôs-lhe o Preto Limão uma tocaia com soldados da polícia. Na primeira descarga, o bando tomado de surpresa, dispersou-se. Ferindo mortalmente por um tiro de Preto Limão, Jesuíno foi cair morto do cavalo mais adiante, sendo sepultado no mato, no lugar chamado “palha”. Reza a lenda que o matou uma bala de chifre, a qual não respeita corpo fechado. Uma trova popular pôs o ponto final na gesta do herói-bandido. (BARROSO, 1917, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, tivemos momentos de grandes reflexões, de relevância para o processo educacional, e em particular para todos nós historiadores que, mediante as discussões, nos oportunizou a aquisição de novos conhecimentos, superando assim, as nossas deficiências; e, em certos momentos, reconhecendo a nossa prática pedagógica como estática, e nos propondo a torná-la dinâmica e mutável, apoiada numa base de flexão capaz de atender às necessidades do contexto sócio-político-educacional.

As ações de Jesuíno de certo modo, são justificáveis, por apresentar-se de caráter social e de serventia aos pobres e injustiçados daquela época, pois ele se utilizava de seus bandidos para atacar comboios que carregava, na maioria das vezes, cargas com produtos alimentícios, e o distribuía com os flagelados da seca que, ao receberem, os agradecia em nome de Deus.

Mediante a complexidade do tema escolhido para pesquisa, me tornei grande leitor, ativando uma prática necessária e fundamental à vida de todo profissional, em especial, os da área da educação; chegando a tirar conclusões sobre a história de vida do cangaceiro Jesuíno Brilhante, suas

ações, e de modo geral os acontecimentos que o levou a tornasse cangaceiro, e a formar bandos para combater injustiças sociais praticadas contra os pobres de sua época, o que agora podemos compreender os seus feitos e os motivos dos mesmos.

Podendo comparar os tempos passados os movimentos sociais, a maneira como eram encarados, como eram combatidos, as formas de repúdio, e vemos que hoje existe ainda muita falta de ação social para com os mais carentes, e que apesar da liberdade de imprensa e de podermos expressar o que queremos, as nossas ações e da grande maioria dos que detém o poder, são mascarados, quando não são feitos em benefícios dos que têm sempre mais, haja visto estarmos inseridos numa sociedade onde os seres humanos valem mais pelo que tem do que pelo que são ou fazem.

As lições tiradas dessa pesquisa abrem caminhos para a capacidade de avaliarmos a sociedade, sua forma de governo, esclarece e clareia as visões para o reconhecimento das injustiças praticadas contra os pobres, refaz pensamentos antes insubstituíveis, doravante, mutáveis, pelos conhecimentos e orientações advindos dos nossos mestres, dos livros, que apresentam teorias transformadoras, e de todos que fazem parte da história com seus conhecimentos empíricos, mas, tão importantes, pois, eles serviram de base para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Francisco. Et al. **História da Sociedade Brasileira**. 3 ed. Rio de Janeiro: ao Livro Técnico S/A. 1998.

BARRETO, Ângelo O. **Curiosidades do Cangaço**. Ceará: realce, 2002.

BARROSO, Gustavo & NORTE, João do. **Heróis e Bandidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

BATISTA, Paulo Nunes. **Raízes do Cangaço**. Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. Série “B”, nº 1563. Mossoró, 1998.

CARDOSO, José Romero Araújo. **A Versão Oficial sobre lampião**. Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. Série “B”, nº 1613. Mossoró, 1998.

____ & MENDES, Benedito Vasconcelos & LEITE, Susana Gorette. **Virgulino Ferreira da Silva: o cangaceiro lampião**. Fundação Guimarães Duque, Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. Série “B”. nº 2184. Mossoró, 2002.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Jesuíno Brillhante**. Coleção Mossoroense. Série “B”. nº 717. Mossoró, 1990.

____. Flor de Romances Trágicos. **Fundação José Augusto**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1982.

COSTA, Alcino Alves. Lampião. **Além da Versão: Mentiras e Mistérios de Angicos**. Sergipe: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.

COSTA, Gutemberg. **Pequeno Estudo sobre a Influência do Cangaço na Música Popular Brasileira. Fundação Cultural Professor Mota**. Coleção Brasil em Tempo de Cultura, v. I. Mossoró, 1998.

____. **Breve Histórico do Cangaço e das Secas**. Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. Série “B”. nº 1640. Mossoró, 1999.

GREGÓRIO, José. **Cangaceiro e Herói (Jesuíno Brillhante)**. Campina Grande: 1976.

GODEIRO, Maria Helena. **Mapeamento da Serra do Cajueiro**. Secretaria Municipal de Educação de Patu/RN: Patu, 2003.

NONATO, Raimundo. **Fundação Vingt-un Rosado**. Coleção Mossoroense. Série “C”. v 1050. 2 ed. Mossoró, 1998.

____. **Jesuíno Brillhante: o cangaceiro romântico**. Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. 2 ed. Mossoró, 1998.

OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. **Síntese Cronológica do Cangaço**. Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense. Série “B”, nº 1416. Mossoró, 1997.

OLIVEIRA FILHO, José Josino de. **Cangaceiro Romântico**. Patu: Prefeitura Municipal de Patu, 2000 (Folheto dos pontos turísticos).

PIMENTA, Antônio Filmon Rodrigues. **O Cangaço na Imprensa Mossoroense**. V. 2 (Jornal Comércio de Mossoró). Série “B”. Mossoró, 1998.